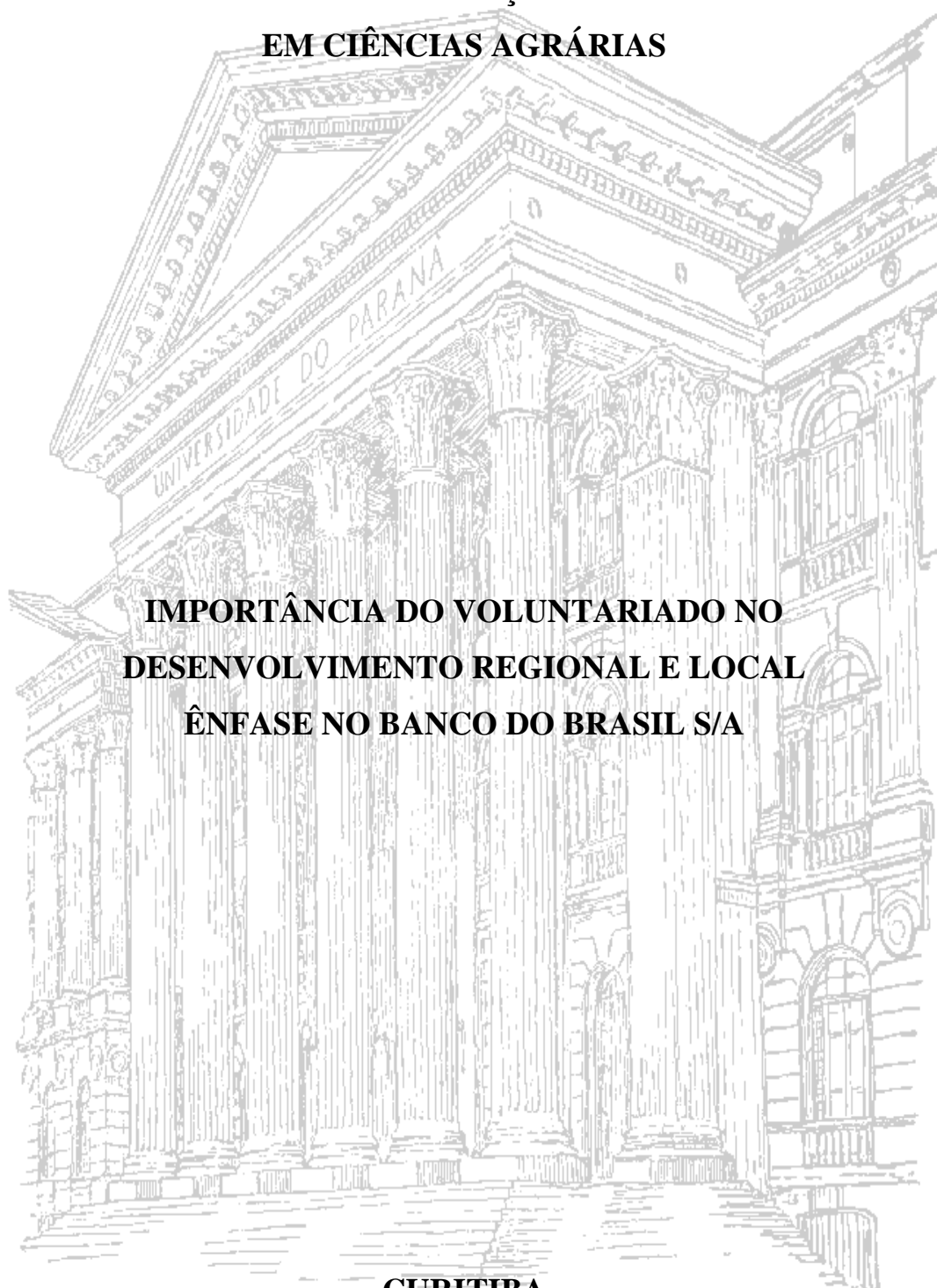


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

**IMPORTÂNCIA DO VOLUNTARIADO NO
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E LOCAL
ÊNFASE NO BANCO DO BRASIL S/A**

CURITIBA

2007





LIÉGE HEINECK

**IMPORTÂNCIA DO VOLUNTARIADO NO
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E LOCAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de pós-graduação em
Departamento de Economia Rural e Extensão do setor
de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. José Chotguis.

CURITIBA

2007

DEDICATÓRIA

*Ao meu marido Julio
que me deu o apoio necessário
e aos meus filhos André e Artur para que
nunca se esqueçam que a vida vale a pena.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor José Chotguis, que garantiu o alcance do nosso ideal.

Aos colegas e amigos que fizeram parte de nossa jornada e que nos permitiram a troca de conhecimento, mesclando momentos de descontração, colaboração, crescimento, e até mesmo de contrariedades, as quais serviram como valioso entendimento a respeito das diferenças que nos fazem crescer no âmbito pessoal e profissional.

A minha família, pelas horas de ausência, alterações de humor, instabilidade emocional e que mesmo assim, me amparou e me incentivou a seguir em frente, provando que obstáculos devem ser superados sempre, pois todo esforço vale a pena.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
1.1	Problema da Pesquisa	09
1.2	Justificativa.....	09
1.3	Objetivo Geral.....	10
1.4	Objetivos Específicos.....	10
1.5	Delimitação do Trabalho.....	10
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1	O Voluntário.....	11
2.2	O Voluntariado e o Banco do Brasil.....	15
2.3	Terceiro Setor e a Responsabilidade Social no Brasil.....	19
3	METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DE AÇÃO	23
4	BETINHO E SUA INFLUÊNCIA NO BANCO DO BRASIL.....	25
5	CONCLUSÃO.....	30
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
	ANEXO I.....	34
	ANEXO II	41
	ANEXO III	43

RESUMO

Este estudo buscou averiguar até que ponto o voluntariado empresarial se torna possível e acessível aos funcionários e familiares do Banco do Brasil e demais empresas. O voluntariado é um serviço, resultado da generosidade e a vontade de justiça, unidas em um sentimento de responsabilidade pessoal sobre o esforço ideológico e comunitário. Dentro desta realidade, o voluntariado tem um papel decisivo, pois significa ter a capacidade de assumir responsabilidades e investir tempo, trabalho e dedicação na solução de problemas e nas exigências comunitárias e solidárias, visando uma melhor qualidade de vida para a população carente. Os voluntários reunidos pela iniciativa da Associação Internacional dos Voluntários, em Congresso Mundial, declaram sua fé na ação voluntária como uma força criativa e mediadora que contribua na resolução dos problemas sociais e do meio ambiente e que colabore na construção de uma sociedade mais justa e humana, favorecendo igualmente uma cooperação mundial. O Banco do Brasil tem se destacado no voluntariado empresarial por atuar nas mais diversas áreas, visando sempre o melhor para toda a comunidade.

Palavras-Chaves: Banco do Brasil; Responsabilidade Social; Voluntário; Voluntariado Empresarial.

1 INTRODUÇÃO

O Dia Internacional do Voluntário para o Desenvolvimento Econômico e Social foi criado em 1985 pela Assembleia Geral das Nações Unidas com o objetivo de incentivar a participação voluntária no mundo inteiro. Na Resolução sobre a criação do Dia Internacional do Voluntário, a Assembleia Geral reconhece a importância do voluntariado e convida a todos os setores da sociedade (governos, organizações não-governamentais e a sociedade civil), a incentivarem e divulgarem o importante trabalho dos voluntários.

Nos dias atuais, a questão da responsabilidade social e a valorização do trabalho voluntário estão ganhando destaque, pois se tornou uma atitude socialmente responsável por parte das empresas e é um diferencial competitivo que está provando sua eficácia também no Brasil.

A década de 90 trouxe para a sociedade brasileira a confirmação de tendências que vinham se cristalizando nos anos anteriores: a exaustão do setor público nacional como agente realizador do processo de desenvolvimento econômico e social.

Nesta nova era verificam-se profundas mudanças no modo da sociedade se organizar. Altera-se o papel do Estado, das empresas e das pessoas. Redefine-se a noção de cidadania e constituem-se modalidades inovadoras de direitos coletivos. O crescimento vertiginoso do terceiro setor, com a multiplicação de organizações não governamentais traduz uma verdadeira revolução cívica que o mundo da *Internet* e das comunicações vêm potencializar.

Sintonizado com estas transformações, o mundo empresarial passou a assumir maior responsabilidade no processo de desenvolvimento social,

multiplicando as parcerias e a cooperação com o Estado e a sociedade civil organizada. As empresas percebem que a sobrevivência no futuro exige a incorporação em suas estratégias de elementos e expectativas emanadas da sociedade e permeadas pela noção do bem comum, ou seja, o exercício da responsabilidade social.

A responsabilidade social passou a ser um componente estratégico na condução dos negócios, visto que está intimamente ligada à maneira como as empresas agem em relação aos funcionários, fornecedores, clientes, concorrentes, governos, meio ambiente e comunidade em geral.

A responsabilidade social empresarial é um ato contínuo que pode ser dividido em pelo menos três formas de responsabilidade: quanto às atividades regulares da empresa, saúde e segurança dos funcionários e qualidade do ambiente de trabalho (não-uso de mão de obra infantil, etc.), quanto ao ônus ao meio ambiente (poluição de recursos naturais), à sociedade (demissões, prejuízos à comunidade ao redor da fábrica) e aos consumidores (segurança nos produtos) e quanto a sociedade de modo geral, abrangendo questões de bem-estar social.

A noção de voluntariado vincula-se a aspectos de engajamento social, notadamente pela disponibilidade de prestar serviços a quem deles necessite, sem expectativa de auferir benefícios. No Brasil, o conceito de voluntariado tem batalhado para se impor de maneira distinta do conceito de filantropia, tal como era praticada em outros tempos. Na filantropia era comum a visão paternalista, com prática de donativos, sem qualquer vínculo com a emancipação daquele que necessitava de ajuda.

O novo voluntariado atua com a premissa da solidariedade e do exercício da cidadania. Esta se estabelece numa relação social baseada em direitos, que

busca trazer luz para amenizar as desigualdades, injustiças e misérias presentes no mundo moderno, tornando-se uma possibilidade efetiva de que se faça algo para criar um mundo mais humanitário e igualitário e, ao invés de paternalismo, solidariedade e cidadania.

A parceria Banco do Brasil, por intermédio da sua Vice-Presidência de Gestão de Pessoas e Responsabilidade Socioambiental e Fundação Banco do Brasil, na criação, desenvolvimento e execução do Programa Ação Voluntária, é fundamental para o sucesso da iniciativa e reafirmação do cumprimento de suas respectivas missões: ser útil à sociedade e contribuir para o desenvolvimento social do País.

1.1 Problema da Pesquisa

De que forma os funcionários do Banco do Brasil podem colaborar para efetivar a promoção do desenvolvimento social nas comunidades carentes através do voluntariado?

1.2 Justificativa

A motivação para escolha deste tema é o crescente número de voluntários nas dependências do Banco do Brasil S/A e suas obras junto às pessoas das comunidades onde está inserido. O movimento voluntariado tornou-se uma tendência entre empresas politicamente corretas e o número de adeptos no Banco do Brasil tem aumentado consideravelmente nos últimos anos.

Este estudo justifica-se por apresentar os benefícios que o voluntariado traz, tanto para quem o pratica como, obviamente, para o beneficiado. O Banco do Brasil desponta na frente com atitudes cidadãs e, o ideal, é que mais empresas

façam parte deste rol, até porque vivemos em um mundo onde as desigualdades sociais são muitas e, sendo assim, tem muita gente precisando de trabalho voluntário.

1.3 Objetivo Geral

Contribuir para o estudo do movimento do voluntariado na instituição Banco do Brasil, sob a ótica empresarial e, em especial, do engajamento de seu corpo funcional e familiares.

1.4 Objetivos Específicos

- a) Levantar, na literatura, periódicos e sites, os principais pontos referentes ao movimento voluntariado/ terceiro setor no Brasil;
- b) Elencar quais os métodos e técnicas existentes na literatura e periódicos para o exercício do voluntariado;
- c) Propor um método ou técnica que apresente os resultados esperados pela organização empresarial incentivando o voluntariado.
- d) Mostrar as dificuldades de mobilização de pessoas para o trabalho voluntário.

1.5 Delimitação do Trabalho

Delimita-se este estudo a respeito do voluntariado/terceiro setor, ao movimento realizado pelos funcionários do Banco do Brasil.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O Voluntário

Voluntário é todo cidadão que, motivado pelos valores da participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea e não remunerada, para causas de interesse social e comunitário (comunidade solidária). É o jovem ou adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividade, organizadas ou não de bem-estar social ou outros campos (Nações Unidas).

O Dia Internacional do Voluntário para o Desenvolvimento Econômico e Social foi criado em 05 de dezembro de 1985 pela Assembléia Geral das Nações Unidas, com o objetivo de incentivar a participação voluntária no mundo inteiro. Na Resolução sobre a criação deste dia, a Assembléia Geral reconhece a importância do voluntariado e convida a todos os setores da sociedade – governos, organizações não-governamentais e a sociedade civil a incentivarem e divulgarem a importância deste trabalho.

No caso específico do Banco do Brasil, objeto deste estudo, a participação cidadã dos funcionários foi sistematizada em 1993, quando a empresa atendeu ao apelo feito pelo sociólogo Herbert de Souza¹ e engajou-se na campanha “Ação da Cidadania, Contra a Fome, a Miséria e pela Vida”.

Em 1999, a Fundação Banco do Brasil, com o objetivo de canalizar a energia voluntária do funcionalismo, propôs ao seu Conselho Curador que

1 Disponível em www.portaldovoluntario.org.br e www.cidadania.com.br.

desenvolvesse um programa voltado para o fortalecimento de ações voluntárias, calcadas no respeito a valores, às pessoas, à comunidade e ao meio ambiente.

A Fundação Banco do Brasil entendeu que seria de fundamental importância o seu engajamento para o sucesso da iniciativa, considerando a vasta rede de agências. Foi nessa linha de raciocínio que, em julho de 2000, começou a ser elaborado, em conjunto com a Fundação Banco do Brasil, o Programa de Voluntários do BB, o qual buscou estimular e potencializar a participação de seus funcionários e familiares em atividades que promovam a melhoria da qualidade de vida das comunidades e reafirmar o seu compromisso de banco de negócios e, ao mesmo tempo, agente social.

O nascimento formal do voluntariado, em sentido moderno, no início do Século XX, teve origem na idéia de benemerência do Século XIX. Na época, os problemas sociais eram entendidos como “desvios” da ordem dominante e atribuídos a indivíduos “em desgraça”. Entendia-se que esses destituídos não tinham tido, por motivo qualquer, a oportunidade de reintegrar-se à sociedade e necessitavam da caridade organizada a fim de mudar a situação.

As boas intenções das famílias mais abastadas eram concretizadas distribuindo seus excedentes entre os necessitados. Só que isto era feito conforme convicções e ações que salientavam as “vantagens” da integração plena dentro do modelo de vida “normal”. Neste contexto social paternalista, rigoroso, excludente, o “voluntariado da beneficência” era incipiente, ilustrado, moralizador, feminino e baseado em sólidos, porém rigorosos valores morais, imutáveis diante da passagem do tempo.

O “estado de bem-estar” do pós-guerra pregou a solução total das

questões sociais pelo Estado, através de políticas de assistências públicas completas, financiadas pela contribuição dos setores produtivos. Esses recursos eram redistribuídos entre os necessitados. Foi uma resposta “previdenciária” à insegurança dos trabalhadores, além de ser uma opção de controle social, já que esperava-se impedir ou esvaziar possíveis protestos, que poderiam assumir dimensões incontroláveis numa sociedade que tinha acabado de sair de uma terrível experiência bélica.

A queda do “estado de bem-estar”, no início dos anos 70, gerou o retorno da insegurança. A vulnerabilidade social dos setores excluídos do “estado de bem-estar” aumentou. Foi duro, para o voluntariado, vencer a inércia que se espalhara e reagir ao novo cenário, tratava-se de um recomeço.

Depois de muitas controvérsias, surgiu, então, um voluntariado combativo e comprometido com a transformação radical da comunidade. Porém, esse anseio de transformação radical fez os voluntários distanciarem-se muitas vezes de seus ideais mais básicos. O movimento parecia “desorientado”, “espontâneo” e sem perspectivas de uma consolidação institucional que pudesse lhe devolver sua identidade.

Era um voluntariado autogestionário que não concordava em aliar-se ao setor público ou ao privado. A sua ação baseava-se no pressuposto de uma mudança da ordem social e situava-se, muitas vezes, no âmbito do protesto.

Na metade da década de 80, com a redemocratização da América Latina e dos países do chamado “Terceiro Mundo”, o neoliberalismo surgiu como concepção político-econômica-cultural no Ocidente. Os Estados enxugaram os seus governos, ajustaram seus orçamentos e diminuíram lentamente os financiamentos de assistência social, transferidos para os empreendimentos

privados ou para as mãos dos antigos beneficiados.

Ocorreu uma descentralização. Derivou-se para instâncias de menos jurisdição política, de obrigações e nem sempre de recursos. A resposta foi o nascimento de um voluntariado que veio preencher os espaços deixados pelo Estado e que se esforçou em diminuir as necessidades daqueles que ficaram “de fora” do sistema, mas sem se questionar essa consequência “natural” da economia do mercado.

A década de 90 abre as portas para um novo milênio e para a possibilidade de pensar outra forma de entender a ação voluntária, um novo modelo de voluntariado que ultrapasse o anterior e considere o voluntário como um cidadão que, motivado por valores de participação espontânea e não-remunerada, trabalhe em prol de causas de interesse social e comunitário.

Esse novo modelo baseia-se e pratica o princípio da “aproximação vital”: Quanto mais próximos de um problema estiverem a instituição, os recursos humanos e os serviços, mais adequada será a solução e maior a participação das pessoas na busca de soluções. Hoje, não é possível conceber uma ação social eficiente sem o envolvimento da comunidade. Não haverá soluções a longo prazo sem a participação das pessoas.

Dentro dessa realidade, o voluntariado está assumindo um papel decisivo, pois significa ter a capacidade de arcar com responsabilidades e investir tempo, trabalho e dedicação na solução de problemas e nas exigências comunitárias e solidárias.

2.2 O Voluntariado e o Banco do Brasil

O Programa de Voluntariado do Banco do Brasil volta-se para os funcionários, da ativa e aposentados, bem como seus familiares. Também é importante integrar os dirigentes porque pode gerar um excelente clima de camaradagem entre diferentes níveis hierárquicos; dá oportunidade ao dirigente de conhecer melhor a comunidade, suas carências, dificuldades e como ela vê a empresa.

Para divulgar as ações do voluntariado exercidas no BB, foi criado o jornal de circulação interna, “Bem-Te-Vi” que teve seu primeiro exemplar lançado no primeiro trimestre de 2003. Sua tiragem é trimestral e sua coordenação está a cargo da equipe de Gestão de Pessoas, onde se pode obter informações sobre várias atividades de voluntariado exercidas no Paraná e também, entrevistas com pessoas ligadas ao voluntariado.

Em uma análise histórica, pode-se encontrar diversas ações de voluntariado entre os funcionários do Banco do Brasil. Como exemplo, cita-se uma das experiências mais marcantes, que, após institucionalizada, tornou-se um programa estruturado e gerido pela Fundação Banco do Brasil: o BB Educar – Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos.

O BB Educar nasceu em 1992, quando um grupo de funcionários do BB decide ajudar na alfabetização dos colegas de serviços gerais (contínuos, carpinteiros, eletricitas, pedreiros, pintores, entre outros). Na época, havia sido instituído um concurso no BB para absorver ao quadro tais funcionários, antes terceirizados e, nesse contexto, foi possível constatar que uma grande parcela deles era analfabeta.

Com o sucesso da experiência, novas iniciativas surgiram. Segundo as últimas estatísticas da Fundação Banco do Brasil, o BB Educar já alfabetizou 240.641 pessoas e outras 132.442 encontram-se em processo de alfabetização. Foram formados pelo Programa um total de 30.855 alfabetizadores (dados FBB de 31/12/2005). Funcionários do BB (da ativa ou aposentados) atuam como educadores em Cursos de Formação de Alfabetizadores (CFA). Atualmente, são 104 educadores de diferentes Estados, que atuam em todo o território brasileiro.

Considera-se o BB Educar marcante, não somente pelo grande número de pessoas beneficiadas pelo programa, mas por ele ter partido da iniciativa de um grupo de voluntários, demonstrando como a ação voluntária pode ter grande expressividade. Entre os funcionários do Banco do Brasil, também foi notável a mobilização ocorrida com o movimento “Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida”, liderado pelo sociólogo Herbert de Sousa², o Betinho.

A Ação da Cidadania foi lançada oficialmente em março de 1993 e tinha como objetivo o combate à fome e à miséria. No BB, foram criados pelos funcionários mais de três mil Comitês de Cidadania, espalhados por todo o País, que desenvolveram diversas ações buscando propiciar inclusão social – com iniciativas de geração de trabalho e renda, além de ações emergenciais de distribuição de alimentos àqueles que passavam fome.

Tratou-se de um grande movimento, que tempos mais tarde sofreu um expressivo esvaziamento. Não existem informações oficiais que expliquem por quê o número de Comitês foi tão reduzido daqueles tempos até os dias de hoje, mas há algumas hipóteses.

2 Disponível em www.portaldovoluntario.org.br e www.cidadania.com.br

Spitz (2001)³, cita a falta de incentivo por parte da empresa durante os oito anos do Governo FHC (1995-2002). Segundo ele, num ambiente não propício a questões sociais, alguns gerentes perseguiram os funcionários voluntários. A presidente de um dos mais antigos Comitês de Cidadania de Brasília relata que realmente teve problemas com um superior em certa ocasião, mas que o fato foi contornado. Para ela, a verdadeira causa do esvaziamento dos comitês é a falta de compromisso e motivação dos próprios voluntários.

Em 2003, no Governo Lula, foi lançado o Programa Fome Zero, com o objetivo de combater a fome e suas causas estruturais que geram a exclusão social. O Banco do Brasil coloca-se como parceiro desse programa, alicerçado nos três eixos oficialmente definidos pelo Governo: 1) políticas estruturais para combater as causas profundas da fome e da pobreza; 2) políticas específicas, para viabilizar o acesso direto ao alimento; 3) políticas locais, que permitam identificar e agir sobre as necessidades regionais.

Os Comitês de Cidadania tornam-se “PRATOS” - Programa de Ação Todos pela Fome Zero, responsáveis pela organização de coletas e doações. Em 2006, os “PRATOS” passam a ser denominados como “Coordenações Locais”.

Institucionalmente, o BB cria seus “COPOs” (Conselhos Operativos do Fome Zero), que coordenam a mobilização local no combate à fome - são as “Coordenações Regionais”. O “COPO” Brasília está vinculado à Gerência Regional de Logística. A Diretoria de Relação com Funcionários e Responsabilidade Socioambiental (Dires) é a Coordenação Nacional. Hoje, em todo o Brasil, os funcionários do BB integram 52 Comitês de Cidadania, segundo dados do *site* do Voluntariado BB (2006).

3 SPITZ, André. *Construindo cidadania em comunidades de baixa renda*. Rio de Janeiro, 2001.

Segundo a Diretoria de Relação com Funcionários e Responsabilidade

Socioambiental (Dires), o *site* do Voluntariado ainda não está sendo devidamente utilizado por todos os Comitês de Cidadania, portanto, muitos podem não ter efetuado seu cadastro. Como exemplo, cita-se o estado de Santa Catarina, que, segundo funcionária do BB, é um dos Estados onde há mais Comitês e, no entanto, não há cadastro algum no *site* referente a este Estado. Por esse motivo, calcula-se que o número de Comitês de Cidadania de funcionários do BB seja superior aos dados que a empresa possui.

O principal objetivo do Programa Voluntariado BB é fomentar a cultura da cidadania junto aos funcionários da empresa e seus familiares, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das comunidades e reafirmando o compromisso da responsabilidade social do Banco do Brasil.

São também objetivos do programa:

- 1 Potencializar as ações voluntárias desenvolvidas pelos funcionários do Banco e seus familiares;
- 2 Contribuir com a comunidade na busca de soluções para seus problemas;
- 3 Facilitar o desenvolvimento de ações voluntárias;
- 4 Fortalecer a imagem dos funcionários e do Banco do Brasil, junto à sociedade;
- 5 Revitalizar o sentimento de solidariedade entre os funcionários;
- 6 Incentivar o desenvolvimento de competências, talentos e habilidades dos funcionários do Banco do Brasil e familiares; e
- 7 Estimular o bom clima organizacional.

O Banco do Brasil sempre teve papel de destaque em ações de responsabilidade social, e hoje, engajado efetivamente no “Fome Zero”,

participa da grande corrente contra a fome, a miséria e pela vida, resgatando e preservando a dignidade, através do processo de inserção social.

Historicamente, o país tem adotado programas que funcionam como paliativos, mas não resolvem os problemas estruturais das regiões carentes. Sob um novo enfoque, o Governo Federal aponta para políticas que necessitam de ações voltadas para o desenvolvimento regional sustentável, capaz de gerar riquezas e melhoria da qualidade de vida, ou seja, tratar as soluções com visão de longo prazo.

Assim, o Banco do Brasil, como empresa parceira do Governo Federal no apoio à implantação de políticas públicas, como o Fome Zero, elaborou estratégia de atuação com foco no Desenvolvimento Regional Sustentável, como forma de catalisar as ações dos diferentes agentes existentes nas comunidades, no sentido de superar as dificuldades e carências e promover o desenvolvimento.

Diante de todas as ações promovidas pelo BB em todo o País (Anexo III), firmou-se a “Carta de Princípios e Responsabilidade Socioambiental do Brasil” (aprovada pelo Conselho Diretor em 15.07.2003 – Nota RSA/DIPES-2003/00316, de 03.07.2003).

2.3 Terceiro Setor e a Responsabilidade Social no Brasil

No Brasil, o desejo em ajudar a comunidade vem crescendo e existem alguns fatores a considerar: primeiro, uma ampla gama de novos empresários, na faixa dos 30, 40 anos que viveu o fim do regime militar, conheceu outros países, está mais bem preparada e se sente na obrigação de colaborar para tornar o País melhor. Em segundo lugar, o aumento da violência parece ter chegado ao ponto que é impossível fechar os olhos para a vergonhosa disparidade social brasileira.

Segundo Cohen (1994)⁴, existem indícios fortes de que as empresas estejam começando a assumir seu lado cidadão. A maioria das empresas (56%) apóia programas sociais, segundo a primeira pesquisa nacional sobre a atuação social e o estímulo ao voluntariado nas empresas, finalizada em julho/1999 pelo Programa Governamental Comunidade Solidária.

Merece destaque também o impulso dado por Herbert de Souza⁵ (Betinho), a partir de 1996, sobre a campanha convocando os empresários a um maior engajamento, com práticas relacionadas ao exercício da responsabilidade social, por meio da divulgação do Balanço Social, como um instrumento de demonstração deste envolvimento.

A inserção social do grande capital ainda é novidade no Brasil. De acordo com a GIFE⁶, organização não-governamental dedicada à cidadania empresarial, os investimentos sociais no Brasil estão crescendo. De acordo com a Fundação Ioschpe, a “filantropia corporativa” é uma característica americana, mas não é brasileira, e, se em certos ambientes (como religiosos) ela tem muito valor no Brasil, o mesmo não acontece no ambiente empresarial, onde o conceito de filantropia corporativa ainda esta em fase de “aculturação”.

A postura como empresa socialmente responsável pode ter inspirações numa matriz filantrópica, mas hoje se distancia dela, visto que “filantropia” no grego significa um amor inespecífico à humanidade, e hoje, as empresas desenvolvem uma posição muito mais afinada com seus valores intrínsecos: o lucro e sobrevivência, que investimento social.

4

¹ COHEN, Ernesto. *Avaliação de projeto sociais*. Petrópolis, 1994.

5 Disponível em www.portaldovoluntario.org.br

6

¹ GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas.

A empresa que apóia projetos sociais, e tem essa conduta socialmente responsável, alavanca recursos e apoio por meio da adesão dos trabalhadores e descobre ganho adicional que vão da melhoria do clima organizacional até a valorização da marca.

Uma pesquisa do IPEA⁷ revelou que 67% das empresas situadas na região Sudeste do Brasil praticaram “ações sociais”. O IPEA denomina “ações sociais” qualquer doação feita a pessoas ou entidades, sem fins lucrativos, que apoiem a área da saúde, educação e lazer. Verificou-se que há relação direta entre participação das empresas e o tamanho delas: 62% das microempresas, 76% das pequenas empresas, 75 % das médias e 95% das grandes têm atuação social.

A responsabilidade social também toma um novo fôlego no Brasil devido aos modelos que chegam junto às novas organizações aqui fixadas e também pela falta de atuação do Estado em amenizar os problemas sociais.

Nota-se que o Estado acaba recebendo novos parceiros para contribuir com a sociedade. Entretanto, as atuações das atividades desenvolvidas por eles são pouco conhecidas, pois, são muitas as razões que levam o empresário ao exercício da responsabilidade social, variando muito a intensidade desse trabalho pelo porte da empresa, localização, atuação do Estado, cultura da própria comunidade, recursos financeiros da empresa, forma de entender a responsabilidade social empresarial e, até mesmo, a discussão do assunto em associações de classe.

GRAJEW, Oded (1990)⁸ salienta que, quando o empresário se propõe a abarcar todas essas relações, ele está se inserindo em uma forma de gestão

7 IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

8 GRAJEW, Oded. Responsabilidade Social da Empresa. São Paulo, 1990.

empresarial, uma filosofia de gestão na empresa. Para Grajew, isso significa pensar na relação em quem é afetado por essa relação, e como a pessoa que toma decisão gostaria de ser tratada em situação semelhante e comenta: “Há casos no Brasil de empresas que têm ações junto à comunidade, investem em projetos de educação informal e, quando perguntamos a essas empresas se sabem qual o grau de escolaridade de seus empregados, muitas vezes a resposta é ‘não’. Embora aquela empresa esteja destinando uma verba para uma organização que atende crianças carentes, ela não perguntou qual é a situação educacional dos filhos de seus empregados”

A sociedade brasileira ainda necessita, segundo as opiniões e sugestões dos empresários, as seguintes atitudes:

- ✓ Mudança na legislação trabalhista e incentivos fiscais para promoção de projetos sociais.
- ✓ Mais discussões sobre o assunto, que visem mobilizar e conscientizar as empresas sobre a atuação de práticas sociais.
- ✓ Maior credibilidade aos projetos sociais apresentados.
- ✓ Maior envolvimento das associações, federações e confederações empresariais para que possam articular as ações sociais de seus associados.
- ✓ Incentivo, por meio de campanhas de conscientização à prática do trabalho voluntário.
- ✓ Criação de comissões que busquem identificar e organizar quais são as principais necessidades da comunidade e apresentá-las às empresas interessadas.
- ✓ Melhorar a qualidade dos projetos apresentados.

- ✓ Reduzir a burocracia governamental para a realização de ações sociais.
- ✓ Criar um departamento nas empresas para reaplicar parte dos lucros em obras sociais.
- ✓ Divulgar os benefícios fiscais existentes e que podem ser concedidos às empresas que atuam na área social.
- ✓ Promover parcerias com associações de bairro, universidade para a integração da comunidade e empresa, através de um aproveitamento do potencial humano que a universidade dispõe, que são os estagiários.
- ✓ Política econômica mais estável, com incentivos fiscais às empresas, para um melhor planejamento às práticas socialmente responsáveis.

Enfim, são muito os fatores que envolvem a prática ou não da responsabilidade social. Analisando-se toda esta situação, surge a necessidade de discutir ainda mais a realidade brasileira no que diz respeito ao voluntariado, principalmente nas empresas do terceiro setor.

3 METODOLOGIA E ESTRATÉGIA DE AÇÃO

Esta pesquisa realiza-se dentro de uma abordagem qualitativa utilizando os pressupostos da pesquisa participante em voluntariado praticado pelo Banco do Brasil, que é uma pesquisa-ação-formação, mostrando quais são as práticas voluntárias realizadas pelo BB.

Segundo Thiollent (2000)⁹, uma pesquisa-ação (participante) é um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita

9 THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo, 2000.

associação com uma ação ou resolução de problemas, onde os pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo.

Embora a literatura nos traga variantes e controvérsias quanto às diversas vertentes da pesquisa-ação, o termo é atribuído a Kurt Lewin¹⁰ que, em 1946, desenvolveu estudos nas áreas de Filosofia da Ciência, da Psicologia e da Ciência Social. Lewin propunha um modelo de pesquisa-ação baseado em ciclos de espirais auto-reflexivas, concebendo-a assim, como um posicionamento realista da ação, sempre seguida por uma reflexão autocrítica e objetiva e avaliação de resultados.

Nesta perspectiva, o processo começa com a fase de planejamento, que se inicia a partir de um problema, chamado de idéia geral. Há ocasiões em que o pesquisador tem clareza do objetivo que deseja atingir, mas não sabe como fazê-lo. Então, é necessário analisar a idéia geral cuidadosamente à luz dos meios disponíveis.

A partir desse primeiro período do planejamento surge um plano global de como atingir o objetivo. Geralmente esse planejamento modifica um pouco a idéia original. O período seguinte da pesquisa é dedicado a executar o primeiro passo do plano global, seguido da avaliação desta ação.

O pesquisador tem a oportunidade de aprender sobre os procedimentos e eficácia da ação, além de fornecer o suporte ao planejamento do próximo passo, que também se compõe de um ciclo de planejamento, execução, reconhecimento ou averiguação dos fatos e avaliação e, assim, sucessivamente.

Assim sendo, a metodologia da pesquisa se desenvolveu seguindo as

10 Psicólogo alemão, nascido em 9 de setembro de 1890 em Mogilno, Alemanha, autor de *A Dynamic Theory of Personality* (1935; Teoria dinâmica da personalidade) e *Principles of Topological Psychology* (1936; Princípios de psicologia topológica).

etapas definidas por Thiollent (2000)¹¹ que são: planejamento, execução, análise dos fatos e avaliação.

A cada tema selecionado foram analisados os métodos que ofereceram melhores resultados e, finalmente, espero ter conseguido colaborar e oferecer sugestões e alternativas para que um programa de voluntariado se desenvolva, tendo como base o trabalho voluntário apresentado pelo Banco do Brasil.

4 BETINHO E SUA INFLUÊNCIA NO BANCO DO BRASIL

Herbert José de Souza, o Betinho, nasceu em 3 de novembro de 1935, em Bocaíuva, interior de Minas Gerais. Terceiro de uma série de oito irmãos, completou, em 1962, os cursos de Sociologia e Política e de Administração Pública na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais. Nessa época, atuou como liderança nacional dos grupos de juventude católica que representavam as aspirações de transformação social, depois reforçadas com o Concílio Vaticano II e participou das conquistas pelas chamadas "reformas de base". Nesse período de vida democrática do Brasil, exerceu funções de coordenação e assessoria no Ministério da Educação e Cultura e na Superintendência de Reforma Agrária, além de elaborar estudos sobre a estrutura social brasileira para a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), da ONU. Data desse período também a sua presença nos movimentos operários brasileiros.

11 THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo, 2000.

Com o golpe de 64, passou a atuar na resistência contra a ditadura militar, dirigindo organizações de cunho democrático no combate ao regime que se instalava. No começo da década de 70, foi para o exílio. Morou primeiro no Chile, em Santiago, onde deu aula na Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales e atuou como assessor do presidente Allende.

Conseguiu escapar do sangrento golpe militar do general Pinochet, indo para a embaixada do Panamá, em 1974. Seguiu depois para o Canadá e México. Exerceu, nessa época, diversos cargos: diretor do Conselho Latino-Americano de Pesquisa para a Paz (Ipra), consultor para a FAO sobre projetos e migrações na América Latina e coordenador do Latin American Research Unit (Laru), entre outros. Foi, ainda, professor efetivo no Doutorado de Economia da Divisão de Estudos Superiores, na Faculdade de Economia da Universidade Nacional Autônoma do México, e diretor de Brazilian Studies, no Canadá.

Com o crescimento dos movimentos pela democratização dos meios de comunicação no Brasil, seu nome tornou-se um dos símbolos da campanha pela anistia. Em 1979, retornou ao país e envolveu-se inteiramente nas lutas sociais e políticas, sempre se propondo a ampliar a democracia e a justiça social.

Betinho é, sem dúvida, o símbolo da determinação e do trabalho incansável pela cidadania, pela restauração da verdadeira democracia participativa, pela valorização da solidariedade e dos direitos humanos em uma sociedade injusta. Por essa constante postura desempenhou um importante papel em relevantes momentos da história recente do país e em vários movimentos de mobilização social, entre eles: a articulação da Campanha Nacional pela Reforma Agrária, em 1983, congregando entidades de trabalhadores rurais; a organização, em 1990, do movimento Terra e Democracia; a liderança, em 1992,

do Movimento Pela Ética na Política, que culminou com o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, em setembro do mesmo ano. Terminada a batalha do impeachment, Betinho dedicou-se à Ação da Cidadania contra a Miséria e Pela Vida. A campanha contra a fome ganhou as ruas em 1993 e chegou ao final daquele ano com total aprovação da sociedade - 96% de concordância, segundo o Ibope.

Sua figura humana adquiriu, então, notoriedade definitiva como o incansável Coordenador da "Ação pela Cidadania contra a Fome e a Miséria", que pretendia ir além de um movimento social de caráter assistencialista, para aglutinar outros movimentos e iniciativas individuais e comunitárias em todo o País. A "Campanha do Betinho" foi tão polêmica quanto popular e o seu sentido político maior, razão principal da polemização em torno de suas ações, tinha por objetivo final a promoção da cidadania, do direito ao emprego e da luta pela terra, etapa final do programa de ação planejado e o maior legado público da vida deste brasileiro humanista.

No ano de 1994, lançou a Campanha "Natal sem Fome", que arrecadou, no primeiro ano, 600 toneladas de alimentos. Em agosto do mesmo ano, fez um pronunciamento na ONU, na reunião preparatória para a Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento Social. Houve, ainda, dois momentos marcantes: a Caminhada pela Paz do Movimento Reage Rio, em novembro de 1995; e o desfile no carnaval de 1996, quando Betinho foi enredo da Escola de Samba Império Serrano, no Rio de Janeiro, cujo tema foi: "E verás que um filho teu não foge à luta". Em suas últimas iniciativas, entre os anos de 1996/1997, apresentou uma proposta para a Agenda Social Rio 2004 ao Comitê Olímpico Internacional, quando a cidade do Rio de Janeiro empenhou-se em sua candidatura à sede

olímpica, em 1996; lançou, via Ibase, a Agenda Social Rio 2000, tentativa de lutar pela melhoria da qualidade de vida no Estado do Rio de Janeiro, por meio da implantação das metas sociais por ele idealizadas; e, em julho de 1997, num encontro com empresários de todo o país, lançou a campanha de adesões ao Balanço Social, uma espécie de balanço financeiro onde os indicadores são os investimentos sociais feitos por empresas.

Ao longo de sua trajetória, publicou, ainda, diversos livros, artigos e ensaios, sempre com a mesma preocupação de criticar as estruturas que tornam a vida difícil e injusta para milhões de pessoas.

Segundo Betinho (1995) "Uma empresa pública é aquela que trabalha pela nação, que trabalha por todos os habitantes de um País, e que faz os compromissos éticos fundamentais para erradicar a miséria de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras".

Atendendo a um chamado do Governo e influenciado pela obra de Herbert de Souza o "Betinho", o Banco do Brasil tornou-se empresa parceira do Programa Fome Zero. Desde então, as várias estruturas da empresa estão empenhadas em colocar seus talentos, recursos, propostas e projetos para tornar possível a realização do sonho de acabar com a fome no Brasil. Mas essa história não começou agora, nem esse sonho é novo.

Além de uma série de ações para o desenvolvimento das competências negociais que fortalecem o Banco no mercado financeiro, a UniBB também oferece um amplo conjunto de programas de capacitação na área social (BB Educar, Desenvolvimento Regional Sustentável, Oficina Pão e Beleza, Orientação Profissional para Adolescentes Trabalhadores etc) que objetiva

alinhar a empresa no eixo das políticas governamentais de inclusão social, desenvolvimento sustentável e combate à fome e à miséria.

A "Oficina Pão e Beleza", que é um importante instrumento de sensibilização para o Programa Fome Zero, está à disposição de todos os funcionários da empresa, sob coordenação das Gepes Regionais. Um dos diferenciais da Oficina é que ela é aberta a líderes comunitários, representantes de entidades civis e religiosas, entre outros, o que possibilita uma rica troca de experiências entre todos os participantes.

O Banco do Brasil está trabalhando de forma consistente para o sucesso do Programa Fome Zero e gerencia de maneira exemplar as ações que se propôs realizar. Temos demonstrado, a todo instante, que somos um dos principais parceiros do Estado nesse sonho, nesse desejo de inclusão social, nesse trabalho coletivo que pode mudar o Brasil, mas que em primeiro lugar transforma e melhora a vida de cada um de nós.

5 CONCLUSÃO

O voluntariado não é novidade, no entanto, foi apenas a partir da década de 90 que se abriram as portas para um novo milênio e para a possibilidade de pensar outra forma de entender a ação voluntária, um novo modelo que considera o voluntário como um cidadão que, motivado por valores de participação espontânea e não remunerada em prol de causas de interesse social e comunitário.

Este novo modelo baseia-se e pratica o princípio da aproximação vital, ou seja, quanto mais próximos de um problema estiverem a instituição, os recursos humanos e os serviços, mais adequada será a solução e maior a participação das pessoas na busca de soluções.

Hoje não é possível conceber uma ação social eficiente sem o envolvimento da comunidade. Não haverá soluções a longo prazo sem a participação das pessoas. Dentro desta realidade, o voluntariado pode assumir no futuro, um papel decisivo, pois significa ter a capacidade de arcar com responsabilidades e investir tempo, trabalho e dedicação para resolver problemas e nas exigências comunitárias e solidárias.

O trabalho voluntário trata principalmente com pessoas, o que implica em estar envolvido com sentimentos e emoções. Ao apoiar o próximo, no entanto, além de dar prazer, exige-se muito comprometimento e responsabilidade. Por este motivo, o voluntário deve ter clareza sobre seus direitos e responsabilidades (Anexo II).

A participação do Banco do Brasil em programas voluntários, teve a influência direta de Herbert de Souza, o Betinho que, sem dúvida alguma, é o

símbolo da determinação e do trabalho incansável pela cidadania, pela restauração da verdadeira democracia participativa, pela valorização da solidariedade e dos direitos humanos em uma sociedade injusta.

O Banco do Brasil está trabalhando de forma consistente para o sucesso do Programa Fome Zero e gerencia, de maneira exemplar, as ações que se propôs realizar. Tem demonstrado, a todo instante, que é um dos principais parceiros do Estado nesse sonho, nesse desejo de inclusão social, nesse trabalho coletivo que pode mudar o Brasil, mas que, em primeiro lugar, transforma e melhora a vida das comunidades onde está inserido.

Muitos empresários, com sensibilidade social, já perceberam que a promoção do voluntariado entre seus recursos humanos traz grandes benefícios e, nesse sentido, estão iniciando programas específicos com vantagens na promoção do trabalho voluntário na empresa.

Quando a empresa se propõe a realizar trabalhos voluntários ela só tem a ganhar, ou seja, esta atitude é positiva para a comunidade, pois ajuda a minimizar seus problemas; é positiva para os trabalhadores por desenvolverem novos papéis ou funções ao participarem de pequenos grupos de discussão e planejamento, além de adquirirem maior consciência sobre a realidade social, o que favorece o seu crescimento pessoal e, finalizando, é positiva para a empresa porque ela ganha um reforço de sua imagem e passa a contar com funcionários mais conscientes, preparados e produtivos.

Os programas de ação voluntária das empresas surgem no momento em que já é majoritária a percepção empresarial sobre a importância da interdependência das relações entre as empresas e a sociedade.

O Banco do Brasil tem um vigoroso histórico de participação nas causas

pela melhoria das condições de vida da sociedade brasileira, valendo-se da capilaridade de sua rede de agências, da condição de um dos principais agentes econômicos do País e da atuação de sua Fundação.

Conforme proposto no início deste trabalho, a pesquisa do tema voluntariado no Banco do Brasil, pareceu-me ter apresentado um saldo positivo. Tanto sob a ótica empresarial, quanto na funcional (e familiares). Objetivou-se explanar a respeito do mesmo e, demonstrar, dentro do possível, que o voluntariado no Banco do Brasil é fértil e, principalmente, que todos estão engajados, ou seja, empresa e corpo funcional trabalhando unidos em busca de um país mais justo para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHEN, Ernesto. **Avaliação de projetos sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GRAJEW, Oded. **Responsabilidade social da empresa**. São Paulo: Multimídia, 1990.

SPITZ, André. **Construindo cidadania em comunidades de baixa renda**. Rio de Janeiro: Oficina Social, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

<<http://www.voluntarios.com.br>>. Acesso em 21 de abril 2007.

<<http://www.portaldovoluntario.org.br>>. Acesso em: 24 abril 2007.

< <http://www.cidadania-e.com.br> >. Acesso em: 31 abril 2007.

ANEXO I

Projetos de sucesso influenciados pelo sociólogo Herbert de Souza e prontamente colocados em prática junto ao corpo funcional do Banco do Brasil:

1. AMAZONAS - ACRE - RORAIMA

Na região amazônica, o artesanato indígena é o foco, com a constituição de oficinas de trabalho com artesãos indígenas de áreas culturais específicas e tradicionais. A oficina pode ajudar na inserção do artesanato no mercado nacional e internacional, e procura capacitar os indígenas no trato com questões comerciais e legais ligadas à comercialização do artesanato tradicional. No caso da exportação, o Banco do Brasil presta apoio através do Balcão de Comércio Exterior, disponível no Portal BB (www.bb.com.br).

2. PARÁ E AMAPÁ

No extremo norte do País, nos Estados do Pará e do Amapá, o Banco do Brasil está identificando cadeias produtivas locais de caráter urbano e rural para promover a inclusão social e o desenvolvimento local sustentável, por meio de geração de emprego e renda. São três projetos que envolvem, além do Banco, vários parceiros da sociedade civil, poder público e comunidade. É o Projeto "Rotas de Oportunidades", que nos dois Estados já atende 7.000 produtores rurais, que estão sendo beneficiados com crédito do Pronaf e do Proger para conduzir seus projetos e seus sonhos.

3. TOCANTINS

O objetivo da ação do Banco do Brasil no Tocantins é oferecer apoio técnico-financeiro a produtores rurais, diretamente ou por meio de suas cooperativas e associações, e para as micro, pequenas e médias agroindústrias, que estejam inseridas nas cadeias do agronegócio dos diversos produtos da região. Para facilitar a condução do projeto, o Banco do Brasil está cedendo 40 computadores ao Ruraltins - Instituto de Desenvolvimento Rural do Tocantins, parceiro do Banco.

4. ALAGOAS

O Banco do Brasil está atuando na comunidade pesqueira de Pilar das Alagoas, às margens da lagoa Manguaba, fornecendo crédito para a aquisição de 400 motores com rabeta para os pescadores da comunidade. O objetivo é apoiar a estruturação da cadeia produtiva da atividade pesqueira no município.

Com motores novos e mais potentes é possível aumentar o número de viagens de barco, com expressivo ganho de autonomia na navegação. A produtividade do pescado aumenta consideravelmente, o que melhora a renda familiar. O motor de rabeta também pode ser utilizado como moenda da mandioca e de cana-de-açúcar, moto-bomba e gerador de energia.

5. BAHIA

Para diminuir os efeitos da miséria, os baianos da região de Maragogipe, no Recôncavo Baiano, estão exportando inhame graças à ajuda do Banco do Brasil, que está assessorando a Cooperativa de Produtores de Inhame da Comunidade de Batatan, que conta com 150 associados.

Para a próxima safra estão disponíveis créditos do Pronaf-D que beneficiarão, direta ou indiretamente, cerca de 2.000 famílias, em torno de 10.000 pessoas. Além de crédito, os agricultores também recebem apoio do Nurin Nordeste, que assessora quanto aos procedimentos e documentação necessários para a exportação do inhame.

6. CEARÁ

Ceará, terra do sol. Pequenos agricultores de Brejo Santo agora têm a oportunidade de desenvolver uma atividade agrícola sustentável, produtiva e competitiva, graças às linhas de crédito existentes e disponíveis no Banco do Brasil, por meio de programas sociais do Governo Federal.

7. MARANHÃO

Terras planas, férteis e pouco exploradas. Bom sistema de escoamento de insumos e produtos (porto, ferrovia, hidrovia e rodovias). Chuvas bem distribuídas e pouca variação de temperatura durante o ano.

Os agricultores maranhenses sofrem com a falta de estrutura de armazenamento, pouco acesso a assistência técnica de qualidade. Com os recursos do Pronaf, e através do Plano Safra 2003/04, estão sendo beneficiados agricultores assentados e aqueles que têm renda bruta anual a partir de R\$ 2.000,00. Além de crédito, o Banco do Brasil também assessora os produtores, criando uma cultura de pagamento e quebrando o paradigma do assistencialismo.

Os trabalhadores rurais, que cultivam o plantio de mandioca, feijão, soja, arroz e milho, agora podem conduzir seus destinos de forma digna e sem depender de atitudes assistencialistas para oferecer comida às próprias famílias.

8. PARAÍBA

Os paraibanos estão arregaçando as mangas para devolver ao Estado o título de maior produtor de algodão branco do País. O Banco do Brasil está ajudando a revitalizar o cultivo de algodão em diversas regiões do Estado, capacitando e dando crédito aos agricultores. A Paraíba foi perdendo espaço no mercado do algodão branco devido a diversos fatores, como condições climáticas desfavoráveis, falta de capacitação tecnológica, não atendimento a diversas exigências do mercado que se sofisticou ao longo do tempo e ataque de pragas.

A partir do crédito oferecido pelo Banco, foi possível aumentar a produtividade por hectare, fechar a cadeia produtiva (produtor/usina/agroindústria/mercado), revitalizar a área boa para cultivo, ocupar a mão-de-obra rural, melhorar a renda dos trabalhadores envolvidos no projeto, e oferecer maior disponibilidade de semente, em tempo oportuno para o plantio e com preço reduzido em relação ao praticado em outros estados. Uma mudança e tanto para famílias que praticavam apenas agricultura de subsistência.

9. PERNAMBUCO

Em Pernambuco, no município de Catende, sua principal usina de engenho estava transformada em massa falida. Nessa ocasião, a chegada do Banco do Brasil, que oferece crédito e parcerias para revitalizar a lavoura e a usina, transformou o dia-a-dia da cidade. Hoje há esperança, perspectivas de emprego e comida na mesa das 732 famílias que participam do projeto. Através do Pronaf, o Banco do Brasil está financiando insumos de produção para tratamentos culturais da lavoura da cana-de-açúcar, aproveitando uma vocação da região.

10. PIAUÍ

No Piauí, um dos Estados mais carentes do País, o Banco do Brasil aceitou um ousado desafio: alfabetizar 100.000 pessoas através do Programa BB Educar até 2006. O projeto acontece em parceria com o Governo Estadual, que está empenhado em melhorar os indicadores sociais do Piauí.

No contexto do Programa Fome Zero, o BB Educar é muito importante, pois uma das exigências do Programa Bolsa Família é que os adultos participem de programas de alfabetização. Além do acesso aos programas sociais do Governo Federal, um adulto alfabetizado tem melhores condições de conseguir trabalho, pode participar de treinamentos e pode educar melhor os filhos.

Os números são gigantescos. Serão formados 1.000 alfabetizadores comunitários, que significa geração de renda nas comunidades, pois o Estado do Piauí, como beneficiário do Programa Brasil Alfabetizado, tem acesso a verbas para remunerar os alfabetizadores.

11. RIO GRANDE DO NORTE

Água pura para o potiguar. Na região do Seridó, no Rio Grande do Norte, o Banco do Brasil está dando suporte financeiro para a construção de 800 cisternas, melhorando a qualidade da água consumida e também as condições de vida das famílias. Na primeira etapa deverão estar prontas 200 cisternas, que atenderão 400 famílias, em torno de 2.000 pessoas.

Melhorar a qualidade da água significa diminuir a mortalidade infantil do Estado e, de modo geral, a melhoria da saúde dos moradores das comunidades. Além da construção das cisternas, faz parte do projeto preparar a comunidade para o processo de gerenciamento e tratamento da água para beber. O adequado

armazenamento da água, principalmente nos períodos de seca, ajuda a fixar os agricultores na região.

12. SERGIPE

Para os sergipanos, o Banco do Brasil oferece crédito do Pronaf com um importante diferencial: o associativismo. Para romper a cultura individualista tradicional da região, os agricultores, em grupos de no mínimo dez, habilitam-se de forma associativa ao crédito, através do GAS - Grupo do Aval Solidário.

A partir do crédito, o Grupo dos Dez capacita-se a um rico processo participativo.

Existe total autonomia para a criação do Grupo dos Dez, cujas lideranças também são escolhidas pelos próprios agricultores. O caminho em direção da cidadania é percorrido a partir das discussões sobre as vantagens entre crédito financeiro/individual e o crédito na comunidade. A gestão pública do projeto é totalmente compartilhada.

13. DISTRITO FEDERAL

Na capital do País, o foco são os jovens. O Projeto "Preservação de Emprego e Renda" ajuda na colocação do jovem no mercado de trabalho. Empresas clientes do Banco do Brasil participam do Projeto contratando jovens que já passaram pela experiência de trabalhar no BB, através do Programa Adolescente Trabalhador. Os funcionários do Distrito Federal acreditam que, ao dar trabalho aos jovens, além de ajudá-los no próprio sustento e de sua família, está proporcionando oportunidades que os distanciam da criminalidade e das drogas. A partir da geração de emprego, muitos problemas sociais podem ser resolvidos.

14.RIO DE JANEIRO

Para os cariocas, o Banco do Brasil apóia o projeto "Favela Limpa", que presta serviços de saneamento básico e implementação de coleta de resíduos sólidos em todas as áreas das favelas que participam do projeto. O "Favela Limpa" gera trabalho e renda para os jovens da própria comunidade, que são indicados pelas associações de moradores para serem "garis comunitários". As associações são as responsáveis pela contratação dos serviços, em parceria com a Comlurb – Cia. Municipal de Limpeza Urbana. Os "garis comunitários" têm acesso a linhas especiais de crédito e de produtos, e recebem um cuidadoso serviço de orientação financeira. Dessa forma, atuando na linha do "negócio bancário", a presença do BB nos morros cariocas também ajuda a derrubar preconceitos. O índice de inadimplência desses novos clientes é praticamente inexistente.

15.RIO GRANDE DO SUL

Para os gaúchos, o Banco do Brasil é um importante agente de transformação nas comunidades, estimulando o associativismo e o cooperativismo, e atuando fortemente nas cadeias produtivas da região. Com os recursos do Pronaf, o Banco do Brasil contribui para a diversificação agrícola e para o aumento da produtividade e da renda na região. O Pronaf tem um papel relevante no desenvolvimento de comunidades como em Canguçu, que tem a maior concentração de minifúndios da América Latina. Ao todo, são 12.305 proprietários rurais, e uma população rural que é o dobro da população urbana. Essa região com enorme vocação agrícola e estava sofrendo com o êxodo para a cidade. Após a parceria com o Banco do Brasil, a população rural cresceu.

ANEXO II

DIREITOS E DEVERES DO VOLUNTÁRIO

1. Todo voluntário tem direito a:
 - 2 Ser respeitado quanto aos termos acordados em relação a sua dedicação, tempo e disponibilidade assumida;
 - 3 Ter a oportunidade de desenvolver uma tarefa que valorize e aproveite ao máximo sua capacidade, de acordo com seus conhecimentos, experiência e interesses;
 - 4 Receber apoio no trabalho que desempenha (treinamento, supervisão e avaliação técnica);
 - 5 Ter possibilidade de real integração como voluntário na instituição na qual presta serviços, ou seja, ter acesso a informações e descrições claras das tarefas e responsabilidades que lhe cabem;
 - 6 Participar das decisões que dizem respeito ao seu trabalho;
 - 7 Receber reconhecimento e estímulo;
 - 8 Ter ambiente de trabalho favorável;
2. Todo voluntário tem a responsabilidade de:
 - Conhecer a instituição e/ou comunidade onde presta serviços e as tarefas que lhe foram atribuídas;
 - Escolher cuidadosamente a área onde atuar conforme seus interesses, objetivos e habilidades pessoais, garantindo um trabalho eficiente;
 - Ser responsável no cumprimento dos compromissos assumidos

livremente como voluntário;

- Só se comprometer com o que de fato puder fazer;
- Trabalhar de maneira integrada com a entidade onde presta serviços;
- Respeitar valores e crença das pessoas com quem trabalha;
- Manter os assuntos confidenciais em absoluto sigilo;
- Usar de bom senso para resolver imprevistos, além de informar aos responsáveis;
- Comunicar à Instituição, se for do seu desejo ser desligado, temporária ou definitivamente, assim como ao Centro de Voluntariado que o encaminhou.

ANEXO III**CARTA DE PRINCÍPIOS DE RESPONSABILIDADE****SOCIOAMBIENTAL DO BANCO DO BRASIL****Carta de Princípios**

A postura de responsabilidade socioambiental do Banco do Brasil tem como premissa a crença na viabilidade de se conciliar o atendimento aos interesses dos seus acionistas com o desenvolvimento de negócios social e ecologicamente sustentáveis, mediante o estabelecimento de relações eticamente responsáveis com seus diversos públicos de interesse, interna e externamente.

Vai além, acredita que esta postura contribua para o desenvolvimento de um novo sistema de valores para a sociedade que tenha como referencial maior o respeito à vida humana e ao meio ambiente, condição indispensável à sustentabilidade da própria humanidade.

Esses compromissos estão expressos na Carta de Princípios de Responsabilidade Socioambiental do Banco do Brasil, aprovada pelo Conselho Diretor do Banco em julho de 2003.

Carta de Princípios de Responsabilidade Socioambiental

O Banco do Brasil se compromete a:

- ✓ Atuar em consonância com Valores Universais, tais como: Direitos Humanos, Princípios e Direitos Fundamentais do Trabalho, Princípios sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.
- ✓ Reconhecer que todos os seres são interligados e toda forma de vida é importante.
- ✓ Repelir preconceitos e discriminações de gênero, orientação sexual, etnia,

raça, credo ou de qualquer espécie.

- ✓ Fortalecer a visão da Responsabilidade Socioambiental como investimento permanente e necessário para o futuro da humanidade.
- ✓ Perceber e valer-se da posição estratégica da corporação BB, nas relações com o Governo, o Mercado e Sociedade Civil, para adotar modelo próprio de gestão da Responsabilidade Socioambiental à altura da corporação e dos desafios do Brasil contemporâneo.
- ✓ Ter a transparência, a ética e o respeito ao meio ambiente como balizadores das práticas administrativas e negociais da Empresa.
- ✓ Pautar relacionamentos com terceiros a partir de critérios que observem os princípios de responsabilidade socioambiental e promovam o desenvolvimento econômico e social.
- ✓ Estimular, difundir e implementar práticas de desenvolvimento sustentável.
- ✓ Enxergar clientes e potenciais clientes, antes de tudo, como cidadãos.
- ✓ Estabelecer e difundir boas práticas de governança corporativa, preservando os compromissos com acionistas e investidores.
- ✓ Contribuir para que o potencial intelectual, profissional, artístico, ético e espiritual dos funcionários e colaboradores possa ser aproveitado, em sua plenitude, pela sociedade.
- ✓ Fundamentar o relacionamento com os funcionários e colaboradores na ética e no respeito.
- ✓ Contribuir para a universalização dos direitos sociais e da cidadania.
- ✓ Contribuir para a inclusão de pessoas com deficiência.